

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

198

INSCRIÇÕES 727-729



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2020

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO* é um suplemento da revista *CONIMBRIGA*, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado *VBI ERAT LVPA*, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço [http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos\\_index/ficheiro](http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro).

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

*José d'Encarnação*

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

[fe.revista@uc.pt](mailto:fe.revista@uc.pt)

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas

Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:*



ARA VOTIVA DA IGREJA MATRIZ DA MOITA  
(SABUGAL)

Ara votiva de granito de grão médio amarelado (FIG. 1), identificada em Novembro de 2016, no interior da igreja matriz da Moita, de invocação a São Pedro, freguesia do concelho do Sabugal.

A existência do monumento no interior da igreja foi-nos gentilmente indicada por César Cruz, a quem agradecemos<sup>1</sup>. Existem ainda duas tampas de sepultura epigrafadas no interior do templo, datáveis dos séculos XVII e XIX.

A epígrafe encontra-se reutilizada como base da pia baptismal, do lado esquerdo da entrada principal. Segundo a população mais idosa da aldeia, não há memória da data em que a pedra foi aqui colocada. A igreja remonta, pelo menos, ao século XIV, segundo o rol das igrejas do Bispado da Guarda taxadas em 1321<sup>2</sup>, tendo sofrido, naturalmente, restauros em épocas mais recentes.

Corresponde a um monumento de tamanho médio, já com vários danos sofridos, anteriores e contemporâneos ao reaproveitamento na pia, especialmente na base, no capitel e na

---

<sup>1</sup> Agradecemos igualmente a colaboração de Paulo Pernadas e Bruno Santos, do Município do Sabugal, no auxílio ao registo fotogramétrico da peça.

<sup>2</sup> CASTRO, José Osório Gama e (1902) – *Diocese e Distrito da Guarda*. Porto: Tipografia Universal, p. 506.

aresta esquerda da face principal. O campo epigráfico encontra-se bastante desgastado e manchado de reboco e argamassa.

Não é possível caracterizar o capitel, pois está totalmente coberto pela pia, mas verifica-se que terá tido uma funcionalidade anterior, devido ao rebaixamento interno e à abertura de um sulco. O capitel tem 15,5 cm de altura e a base apenas 7 cm visíveis (encontrando-se presentemente semienterrada no piso da igreja). A transição do fuste para o capitel é moldurada por faixa, enquanto a separação na base está bastante danificada, registando-se inclusive uma pequena fractura na sua aresta esquerda inferior. A ara apresenta todas as faces alisadas, sendo as laterais de menores dimensões (FIG. 2).

Desta freguesia provém um altar votivo dedicado a Júpiter, guardado no Museu Francisco Tavares Proença Júnior de Castelo Branco<sup>3</sup>. Estes dois achados epigráficos não aparecem aqui descontextualizados, pois são conhecidos alguns sítios com importantes vestígios romanos, entre os quais se destacam, pela sua importância, o Paraíso e Tapada do Pombal, onde foram recolhidos dois pesos de chumbo e uma estatueta de bronze feminina<sup>4</sup>.

Dimensões: (47) (altura conservada) x 36,5 x 27 (no capitel), 29-30 x 24 (no fuste) e 36 x (27) (na base).

Campo epigráfico: 11 x 16.

AVITVS / MADVRI / CVSI · ER[V?]/LANCVI · V(*otum*)  
· S(*olvit*) ·

*Avito de Maduro cumpriu o voto a Cuso Erulanco (?).*

Altura das letras: l. 1:4; l. 2: D=5 (I=4,5); l. 3: E=5 C=4.

---

<sup>3</sup> GARCIA, José Manuel (1984) – *Epigrafia Lusitano-romana do Museu Tavares Proença Júnior*. Castelo Branco: IPPC e Museu FTPJ, p. 57 e 58. CURADO, Fernando Patrício (1987) – Património Cultural. *Boletim Municipal do Sabugal*. Sabugal. 4 (ano I), p. 4.

<sup>4</sup> OSÓRIO, Marcos (2006) – *O povoamento romano do Alto Côa* (Territoria; 1). Guarda: Câmara Municipal, p. 66. OSÓRIO, Marcos (2008) – *Museu do Sabugal. Catálogo arqueológico*. Sabugal+ e Câmara Municipal do Sabugal, p. 85 e 88.

Espaços: 1: 0,2; 2: 0,2; 3: 1; 4: 4.

O campo epigráfico ocupa toda a superfície do fuste e não é moldurado, estando o texto distribuído por quatro linhas ainda visíveis. O *ordinator* terá disposto o texto obedecendo a um eixo de simetria no espaço disponível.

Na primeira linha destaca-se o nome do dedicante e na l. 2 o patronímico; na l. 3 e l. 4 é identificada a divindade com a respectiva fórmula de consagração.

Os caracteres, em letra capital actuária, de traçado regular, lêem-se com dificuldade, revelando pouca homogeneidade na altura e as letras são pouco regulares.

Identificam-se pontos de separação apenas na fórmula final, dado o desgaste da pedra.

O dedicante identifica-se à maneira indígena: nome e patronímico, sem menção expressa de *filius*. *Avitus* encontra-se bem documentado na Hispânia e, de modo especial, na Lusitânia<sup>5</sup>. *Madurus* e a sua variante *Madureius* são *cognomina* aparentemente de etimologia latina, obtidos por abrandamento do t: de *Maturus* em *Madurus*; afigura-se, porém, tratar-se de um antropónimo até agora apenas registado nesta área de Lusitânia: já identificado neste concelho do Sabugal, no Baraçal<sup>6</sup>, bem como em Idanha-a-Velha<sup>7</sup>; há dois outros exemplares em Cória<sup>8</sup>.

---

<sup>5</sup> Cerca de 200 testemunhos na Lusitânia: NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luis), *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida-Bordéus 2003, p. 107-110, mapa 51. No rol gizado por Abascal, ocupa, na Hispânia, o terceiro lugar na frequência de exemplos, após *Severus e Rufus*: ABASCAL PALAZÓN (Juan Manuel), *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Murcia, 1994, p. 31.

<sup>6</sup> «Madu[r?]ei»: CURADO (Fernando Patrício), «Epigrafia das Beiras», *Conimbriga* 18, 1979, p. 141-142 (que corrige a leitura anterior *Madu[r]ci(?)* – HEpOL n.º 20 364).

<sup>7</sup> «Maduri»: FERREIRA (Ana Paula), *Epigrafia funerária romana da Beira Interior: Inovação ou continuidade?* (Trabalhos de Arqueologia 34), Lisboa, 2004, p. 164-165, n.º 173, lám. XX, 36 (HEp 13, 2003/2004, 886).

<sup>8</sup> «Madureus»: HEp 4, 1994, 230; ILC 46, n.º 32, com foto + ILC 47, n.º 33, com foto (HEp 8, 1998, 47); «Madur(eus)»: HEp 8, 1998, 60. Este último não é considerado por Julio Esteban, que lê *Madu[i]*: ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de Inscripciones Latinas de Cáceres. IV. Caurium*, Univer-

Não parece inviável considerar a forma *Cusi* (FIG. 3) uma variante do teónimo indígena *Cosus* bastante documentado, sob diversas grafias (em dativo): *Cusu*, *Cossue*, *Cosu...*<sup>9</sup> Uma variante de certo inesperada, porque, partindo do verosímil pressuposto de que estamos perante um dativo, trata-se de um dativo em **-i**, da 3ª declinação latina, o que leva a supor um nominativo não de tema em **-us**, como se há verificado até agora, mas em **-is**: *Cusis*, a lembrar as propostas *Lurunis* e *Triborunnis*. Diferente será o caso de *Cossue*, em que se alvitra nominativo em **-a**, estando *Cossue* por *Cossua*. Ou seja, um teónimo variegado! E não será despropósito repetir que, mais do que razões etimológicas, se há-de ver nessas formas diversas o eco de diversas entoações fonéticas dadas pelos indígenas e que o lapicida tentou passar à pedra<sup>10</sup>.

Temos, porém, um epíteto novo, com terminação de dativo **-gui/cui**, que tem sido considerada tipicamente lusitana, atestado na designação de outras divindades: *Banda Isibraiegui* (Bemposta, Penamacor), *Banda Brialeacui* (Orjais, Covilhã), *Banda Tatibeaicui* (Queiriz, Fornos de Algodres); *Banda Vordiaicui* (Pinhel); *Crougae Nilaigni* (Freixiosa, Mangualde); *Reva Langanidaegui* (Medelim, Idanha-a-Nova)<sup>11</sup>... Não ousamos, de momento, aventar sugestão de relacionamento quer com etnónimos quer com topónimos,

---

sidad de Extremadura, Cáceres, 2016, nº 1245.

<sup>9</sup> Abunda a bibliografia sobre esta divindade, númen protector que assumiu epítetos conforme o lugar ou o povo de que foi patrono. Referimos apenas alguns dos artigos que expressamente lhe foram dedicados: PRÓSPER (Blanca), «La divinidad paleo-hispana *Cossue/Coso* y el dios itálico *Consus*», *AIQN* 19, 1997, p. 267-302 [análise etimológica]; BARCIA MERAYO (E.) e GARCÍA MARTÍNEZ (Sonia María), «Un nuevo testimonio de posible culto a *Cossus* en El Bierzo», *Estudios Humanísticos* 20, 1998, p. 11-25 (com lista de testemunhos e mapa); BÚA (J. Carlos), «*Cosus*. Un exemplo de epigrafia e relixión», *Boletín Auriense* 33, 2003, p. 147-184; OLIVARES PEDREÑO (Juan Carlos), «Hipótesis sobre el culto al dios *Cossue* en El Bierzo (León): explotaciones mineras y migraciones», *Palaeohispanica* 7, 2007, p. 143-160.

<sup>10</sup> Cf. ENCARNAÇÃO (José d'), «Das religiões e das divindades indígenas na Lusitânia», in RIBEIRO (José Cardim) [coord.], *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002, p. 15-16. <http://hdl.handle.net/10316/27809>

<sup>11</sup> Para não nos estendermos em referências bibliográficas, sugerimos pesquisa em HEpOL [<http://eda-bea.es/>] sob as designações indicadas.

inclusive porque a leitura resulta hipotética.

Três novidades, por conseguinte, a assinalar: a primeira presença clara do antropónimo *Madurus*, a apresentar-se como exclusivo da Lusitânia; uma nova forma de dativo do teónimo indígena *Cosus*; e um epíteto sem paralelo até ao momento.

Tendo em conta a paleografia, a tipologia do monumento, a onomástica e o modo de identificação da divindade, sugerimos uma datação da primeira metade do século I d. C.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO  
MARCOS OSÓRIO



1

727



2



3

Tratamento fotogramétrico com *software Cloud Compare 2.9.*

727

*Ficheiro Epigráfico*, 198 [2020]